Natal de Ontem e de Hoje

Alberoni Furtado de Mendonça

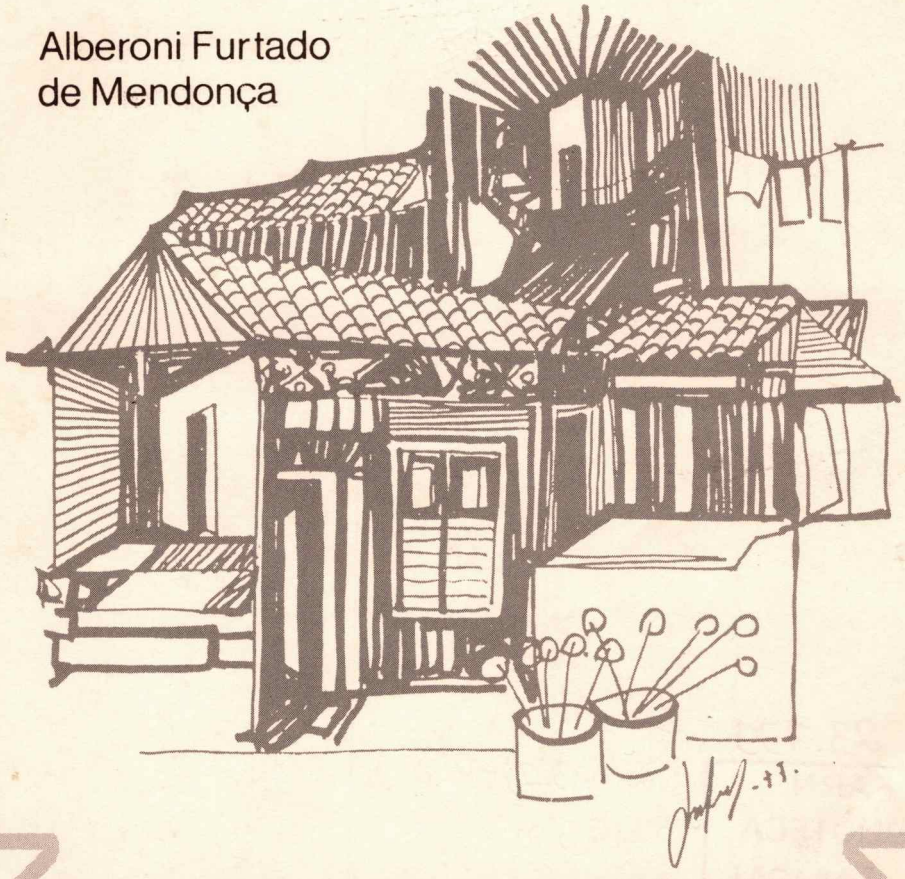


82(813.2)-94
M495n
[1985] / Ex.01 F000201

EDIÇÃO DA ASSESSORIA EDITORIAL DO NORDESTE

Natal de Ontem e de Hoje

Alberoni Furtado
de Mendonça



EDIÇÃO DA ASSESSORIA EDITORIAL DO NORDESTE

FARN

Natal de Ontem e de Hoje

Depois de 42 anos de afastamento, lutando duramente pela sobrevivência nas grandes Metrópoles do Sul do País, regressei à minha muito querida Natal, Terra do meu berço e, segundo espero, também do meu jazigo.

O que aqui e agora encontrei em matéria de progresso e desenvolvimento, leva-me, malgrado meu, a estabelecer alguns paralelos entre a Natal de minha infância e a dos dias atuais, deixando no fundo de minha alma, uma recordação pungente daqueles tempos que jamais se apagarão de minha memória. Naquela época, lá pelos anos trinta, Natal era uma Cidade modesta, pacata e de pouca densidade demográfica – 4 ou 5 bairros tradicionais, e uma população de uns 30 a 40 mil habitantes. O Comércio Lojista se localizava na Cidade-Baixa ou Ribeira, e o Mercado Público, na Cidade-Alta, ao lado do antigo Quartel do Exército.

Havia duas feiras livres, tão antigas quanto tradicionais: a do Alecrim, sem dúvida, a maior e a mais movimentada; e a das Rocas, um tanto mais distante e apertada entre ruas estreitas, mas, nem por isso, menos importante.

Isso de indústria, nada ou quase nada havia nesse gênero, o que de certo modo, nos leva a indagar, se esta carência era um mal, ou quem sabe? um bem. Pelo menos, não existia a poluição que se observa hoje em dia. Não que sejamos contrários ao progresso, longe de nós tal idéia, mas, somos daqueles que entendem ser possível o desenvolvimento sem que para isso, tenhamos de pagar alto preço em matéria de saúde e higiene ambiental. Numa palavra – uma cousa não exclui a outra, desde que se tomem as medidas mais elementares de preservação da Natureza e de profilaxia do meio ambiente.

Bem, passemos das generalidades vagas para as particularidades mais concretas.

Comecemos pela terra e terminemos pelo homem, passando necessariamente pelo clima e outros componentes correlatos.

A Terra sempre foi fértil e generosa, não desmentindo nunca às históricas, e

até certo ponto, proféticas palavras de nosso primeiro Cronista – o bom lusitano Pêro Vaz de Caminha, Escrivão-Mor da Grande Frota de Cabral.

Havia sítios e pomares por quase toda a Cidade, mormente, nos arrabaldes ou subúrbios mais afastados, o que, sem qualquer dúvida, concorria para a purificação do ar e regularidade do regime pluviométrico, tornando o clima mais saudável e ameno, chegando mesmo a ser considerado pelos poucos visitantes da época, como um dos mais generosos do País, senão, o mais pitoresco e salutar de todas as outras regiões do Brasil. Nós próprios, diga-se de passagem, e a título de testemunho pessoal, percorremos o País de Norte a Sul, confirmamos com toda ênfase, sem que isso implique em nenhum regionalismo de nossa parte, que o clima de Natal dos anos 30, era bem superior ao de Petrópolis ou Teresópolis, no Estado do Rio de Janeiro, isto, para falar apenas, das duas mais conhecidas Cidades da Região Sudeste, cuja benignidade do regime climático é bem notória, tanto no país, como, até mesmo, no estrangeiro. O que sucedia a Natal, é que, na ocasião, não era quase conhecida pelos sulistas e, nem mesmo, em certa medida, pelos próprios nordestinos. Mas, que gozava de um clima paradizíaco, isto não temos a menor dúvida e, se me permitem a "patriotada", talvez, um dos melhores do Mundo! Hoje, se tivesse lágrimas, talvez, não pudesse conter o pranto.

O asfalto, que se aquece quase com a mesma facilidade de uma chapa de fogão, e o desmatamento irracional, e por que não dizê-lo? criminoso de certas áreas da Cidade, transformaram a antiga "Terra da Promissão", numa espécie de Saara, com todo seu cortejo de consequências funestas para a saúde e bem estar de sua população.

Natal tem tudo para ser uma cidade privilegiada em matéria de clima e temperatura. Fica situada num platô, exposta aos ventos alíseos e a chuvas mais ou menos copiosas durante certo período do ano, necessitando apenas, de arborização e limpeza, ambas, dependentes de uma conscientização das autoridades locais e de uma sistemática educação ecológica de seus habitantes, no sentido de conjugarem esforços a fim de reverter o atual quadro panorâmico e, de certo modo, reviver os grandes dias do passado, em que, nossa Cidade era apontada como um sanatório natural, onde as pessoas menos dotadas de saúde vinham recuperar a vitalidade perdida.

Para melhor compreensão da problemática ecológica, recuemos um pouco no tempo e nos fixemos por alguns momentos no bairro conhecido por Tirol, que é a região onde praticamente nasci e me criei, e portanto, o que estou melhor familiarizado.

Alguém, em boa hora, cuidou haver vislumbrado certos pontos de analogia entre esse pitoresco bairro de nossa Cidade, e a famosa e conhecida região do Tirol, nos Alpes. Provavelmente, levou a sugestão ao Prefeito, ou a outras autoridades influentes na ocasião, que por contágio da idéia ou espírito de concordância, resolveram adotar o nome que chegou até nossos dias.

De fato, o Tirol de minha infância lembrava em muitos pontos, as regiões mais pitorescas da Europa, como os Alpes Italianos ou Austríacos, ou ainda, os Montes Carpatos na Hungria.

Aquelas dunas elevadas, em forma de pequena cordilheira, correndo no sentido Norte-Sul, ao longo do horizonte oriental, por trás das quais, surgia pelo arrebol, um Sol, a princípio avermelhado, pouco a pouco, à medida que se elevava no céu azulado, passava à cor doirada, para finalmente, ao alcançar seu apogeu, tomar seu matiz definitivo – o prateado fulgurante. As dunas, ainda lá estão, porém, reduzidas a pequenos montículos de terra frouxa que, paulatinamente, vão se espraiando e, conseqüentemente, perdendo altitude, já não se podendo mais divisá-las ao longe, menos pela progressiva perda de elevação, do que pelas edificações mais ou menos elevadas, que se constroem continuamente em suas imediações, sem se levar em conta os danos irreparáveis à antiga paisagem daquela região que, durante longo tempo, serviu de Cartão-Postal de nossa Cidade. Essas dunas, a princípio tão portentosas, e na sua maior extensão, arborizadas, ou melhor dizendo, cobertas de uma vegetação espontânea, exuberante e, em alguns pontos, chegando mesmo a ser densas e povoadas de lendas, à maneira dos bosques de Viena. Infelizmente, a desvastação sistemática e criminosa, como já foi dito, e a construção desordenada de barracos e pequenas cabanas espalhadas por toda parte, transformaram aquela diminuta reserva florestal, num antro de marginais, de onde saem à calada da noite para atacar transeuntes desavisados.

Felizmente, o Exército, em boa hora, através de suas Autoridades Competentes, ocupou uma boa parte da região, e lá construiu algumas instalações militares que, em conseqüência, ficou vedada à entrada de pessoas estranhas, no que fez muito bem, pois, só assim, se pôde ainda salvar alguma cousa do pouco que restava da beleza natural de nossa selva primitiva. Louvores, portanto, ao Exército por mais essa iniciativa patriótica, digna de ser imitada pelas demais autoridades locais.

Sabemos que alguns Prefeitos passados, criaram e mantiveram uma Guarda Florestal com a incumbência de vigiar e coibir a ação predatória de lenhadores e carvoeiros, que vinham lenta e sistematicamente devastando literalmente a diversificada mata virgem, à procura de madeira para fins comerciais. A atuação dos guardas não era tarefa fácil e nem mesmo desejável, uma vez que, aqueles pobres lenhadores e carvoeiros, homens simples e primitivos, viviam daquela atividade e, dadas suas precárias condições, não lhes restava outra opção. Ao serem pilhados em flagrante em sua faina proibida pela lei, entravam a se lamentar e maldizer às Autoridades e, se estes expedientes não lhes traziam proveitos práticos, passavam à revolta e daí surgiram acaloradas discussões que em certos casos, degeneravam em conflitos sérios com pescoções e outros argumentos mais convincentes, seguidos de detenções e interrogatórios, sem maiores conseqüências, uma vez que, as autoridades encarregadas da repressão, reconheciam, com alguma sensibilidade, o lado humano da questão. Eu tinha um amigo do peito, que atendia pela alcunha de "Buião", que fazia parte da Guarda Florestal, que me relatava com notável habilidade, cenas como essas, carregando as tintas para o lado cômico. Histórias essas, que me distraíam bastante naquelas noites de estio, em que nos reuníamos todos, companheiros do mesmo bairro, sob a copa de uma mungubeira folhuda. Ali era um ponto de concentração quase obrigatório de todos nossos camaradas, meninos uns, rapazes outros, mas

todos unidos por um sentimento espontâneo de fraternidade e admirável lealdade. Eram todos por um, e um por todos, sem distinção de cor, raça, idade ou condição social. Se por acaso, um de nós fosse injuriado ou agredido por um elemento estranho ao nosso grupo, a reação coletiva era pronta e imediata; todos, como um só homem, se levantavam em peso contra o possível agressor e a cousa, então, poderia ficar ruça.

Quero aqui, e agora, prestar uma singela homenagem a meus companheiros da velha guarda, de tão grata memória.

Voltando ao tema anterior, eu dizia que a repressão ao desmatamento era um tanto cautelosa, e não poderia ser de outra maneira. Afinal, se tratava de um problema social que havia de ser encarado com a maior ponderação. Hoje, a cousa mudou de aspecto; pelo menos, no que toca ao lado humano – não se trata mais de pobres lenhadores que viviam da rudimentar indústria da madeira, mas sim, de levas de imigrantes que, premidas pelas secas e outras calamidades climáticas, vão invadindo as dunas costeiras e nelas se aboletando sem mais aquela. Até aí, se compreende bem a complexidade da problemática em apreço, mas, infelizmente, em meio aos eventuais ocupantes das áreas proibidas, se ocultam alguns elementos menos qualificados, que põem em polvorosa até mesmo os moradores mais pacíficos dessas regiões e, com isso, agravam consideravelmente o quadro geral. Os últimos Prefeitos e Governadores, a exemplo dos anteriores, têm feito o possível e o impossível para minimizar, pelo menos, em parte, as conseqüências desses eventuais agravantes.

Em síntese, alguma cousa há de ser feita, seja no terreno puramente ecológico, ou na parte tipicamente social, no sentido de preservar as poucas áreas verdes que ainda restam nas dunas que circundam a orla marítima. Sem uma ação pronta e imediata do reflorestamento nas diferentes regiões de nossa Capital, os problemas ecológicos dentro em pouco, assumirão dimensões catastróficas e, nessas condições, a sobrevivência da população se tornará qualquer cousa de dramático.

Algumas cenas daquela época me ficaram gravadas na memória até os dias presentes, e creio que, de certo modo, influíram decisivamente na formação de minha personalidade. Lembra-me, por exemplo, a passagem todas as manhãs, do rebanho bovino de Joca Freire, em demanda das pastagens de Lagoa Nova, que naquela ocasião era um local considerado longínquo, fora do perímetro urbano, coberto de relva e outras vegetações rasteiras, além de algumas formações nativas de pequenas árvores frutíferas, como a mangabeira e a guabiraba, cujos frutos silvestres eram muito disputados entre as pessoas pobres das cercanias, que as recolhiam em pequenos cestos a fim de vendê-los no Mercado Público ou nas feiras livres. Pois bem, o gado ia pastar ali. À tardinha, o rebanho estava de regresso, na sua marcha lenta e monótona, tangido por um vaqueiro rude e endurecido pela faina diária de domar rezes bravias, porém fiel até a medula e perfeitamente cônscio de suas responsabilidades. Porém, o que mais me chamava à atenção, era um touro cinzento, de peito largo, chifres longos de pontas afiadas e ligeiramente voltadas para fora, trazendo entre as espáduas, uma saliente corcova. O aspecto grave e magestoso de soberbo animal, me infundia uma espécie de respeito supersticioso e um temor vago e indefinível. O

volumoso e pesado quadrúpede, caminhava lentamente, no seu passo tardo, porém, seguro, de cabeça alta, guarnecida por seu rígido par de armas naturais, inspirando respeito até mesmo aos seus mais valorosos adversários.

Nosso cãozinho lanudo e mofino, como todo fraco abusado, às vezes, tinha a veleidade de poder atacá-lo. Mas, o arrobo não passava de alguns latidos ou, quando muito, de um que outro arreganho, deixando à mostra seus aguçados caninos. O touro, seguro de sua força e certo da impotência do desprezível inimigo, continuava placidamente sua marcha sem nem sequer tomar conhecimento daqueles furiosos latidos. Quando o assédio se tornava mais estreito, o imponente taurino baixava repentinamente a enorme cabeça e, bufando ruidosamente, tentava colher com as temíveis aspas, o ventre do seu teimoso e importuno perseguidor. O cachorrinho, ao pressentir o iminente perigo, valia-se de sua natural agilidade, rolava célere pelo chão, virando duas ou três providenciais cambalhotas, e se colocava a uma prudente distância do seu agressivo antagonista. Em pé, no parapeito de nossa janela, eu acompanhava esses lances sem perder um só detalhe. Era o confronto entre a força do touro e a destreza do cão.

Uma cousa lembra a outra; nessa associação de idéias, recordo-me bem, de outra cena similar, diferindo apenas na espécie. Encarapitado no muro do Grupo Escolar, outro posto eventual de observação, acompanhava, passo a passo, o entrevero de uns gaviões negros, das asas de pontas brancas, com uma galinha assustada, responsável por uma numerosa ninhada de pintos, avidamente cobiçada pelos vorazes rapaces. Tratava-se de uma espécie de falcões miúdos, porém, bastante ousados. Seu bico aguçado, olhos vivos, brilhantes e um tanto salientes, trazendo na cabeça um pequeno tufo de plumas que, no momento do ataque, se eriçava, emprestando um aspecto singularmente belicoso àquelas aves predadoras. Os gaviões, geralmente em bando de três, quatro ou mais unidades, sobrevoavam o local a uma certa altura, como que, a efetuar um minucioso reconhecimento do terreno e, depois de descreverem alguns círculos, a princípio um tanto amplos, que iam se estreitando pouco a pouco, à medida que um deles perdia altura, até que, num dado momento, como se houvera fixado o alvo, se lançava num fulminante vôo picado até o solo, onde arrebatava uma pequena presa, quase sempre um pinto desgarrado ou uma cobrinha de duas cabeças que se esgueirava entre a relva rala e ressequida, ganhando novamente altura, até desaparecer na amplidão azulada, levando nas garras a infeliz vítima. A galinha levada pelo desespero, tentava de todas as maneiras possíveis, recuperar o filho perdido, se arrojando como um abutre sobre o gavião assassino; mas o falcão já se pusera fora do alcance de sua antagonista. Alertados pelos gritos aflitivos da galinha, todos os componentes da família ali presentes, se reuniam em torno da ninhada, aguardando com os bicos em riste, voltados na direção dos atacantes que, continuavam em suas evoluções aéreas, à espreita do momento azado para novas incursões. A defesa era capitaneada por um valente galo da crista vermelha e papo amarelo. A galinha, pressentindo a gravidade da situação, cacarejava nervosamente, tentando reunir sob suas asas protetoras, seus espantados filhotes que acudiam de todas as direções. As sombras ameaçadoras dos falcões cruzavam e recruzavam

o terreno visando a procura de novas presas. Sempre que passavam sobre os galináceos concentrados num aglomerado quase compacto, o terror pânico se apossava das pobres vítimas, que entravam a piar e cacarejar num alarido aflitivo, alertando um que outro pintinho incauto que por ventura houvesse se afastado da limitada zona de segurança. De súbito, um gavião mais afoito, se aproximava velozmente em vôo rasante, arrebatando mais uma presa, não antes de sofrer um maciço contra-ataque dos galináceos enfurecidos. O galo do papo amarelo era sem dúvida o herói do campo; se lançava sobre o ousado inimigo com uma fúria e decisão dignas de um autêntico capitão. Cansado das escaramuças, e percebendo a crescente dificuldade da caçada, o bando de gaviões batia asas, ganhando altura e perdia-se nos confins do horizonte.

Passado o perigo, as galinhas iam pouco a pouco, se dispersando, imitadas pelos pintinhos irrequietos, e tudo voltava paulatinamente ao normal.

Como disse, essas cenas campestres deixaram na minha imaginação infantil, uma impressão vaga e sutil de um mundo de competição e rivalidade onde a força e a astúcia são as grandes Leis da Vida.

Lembra-me ainda, daquelas tardes doiradas em que as cúpulas floridas das mangueiras do Grupo Escolar, exalando um suave perfume refletiam os últimos raios solares de um crepúsculo multicor.

Voltemos agora, à visão geral de nossa antiga Cidade.

Às vezes, pelas ruas ou avenidas, nos deparávamos com bandas militares entoando velhas e tradicionais marchas guerreiras, seguidas de alguns pelotões de jovens recrutas, endurecidos pelos constantes exercícios de ordem-unida, de porte ereto e passo cadenciado. Nessas ocasiões, sentia como que, um misterioso chamado às armas e um desejo instintivo à luta e ao perigo.

Pairava no ar qualquer cousa de heróico e marcial. A imaginação, malgrado nosso, era levada a épocas passadas, no século XVII, quando nossos antepassados, nativos e portugueses irmanados, depois de cruentas lutas com forças invasoras imensamente superiores em número, equipamento e técnica militar, expulsaram de nossa terra os ocupantes holandeses. Uma centúria mais tarde, tivemos o levante indígena que acabou por se generalizar por toda Capitania, que só pôde ser debelado a duras penas pelas Autoridades locais que dispunham de equipamento moderno para a época, incomparavelmente superior às rústicas e primitivas flechas dos indômitos selvagens que, muitas vezes, preferiam a morte ou até mesmo o aniquilamento geral, a ter que se submeter ao tacão impiedoso do branco explorador. No século seguinte, toda a pequena Cidade viu entusiasmada, o garboso desfile de nossas tropas, no seu passo dobrado, em direção à Ladeira do Passo da Pátria, por onde marchariam até o trapiche do Rio Potengi, de onde, embarcados e comprimidos em rudes e primitivos transportes, sem o mais leve conforto, rumariam aos remotos e desconhecidos campos de batalha do Paraguai, em que o valoroso Ten. Ulisses Caldas e outros heróis, em sua maioria, anônimos, descreveriam páginas imortais de nossa História Militar. Agora mesmo, em nossos dias, em pleno meados do século XX, assistimos galvanizados, os sucessivos desfiles de tropas pelas principais arté-

rias da Cidade, em direção às instalações portuárias, de onde partiriam para os campos de combate da Itália na segunda guerra mundial, desta vez, embarcados em modernos e resistentes navios transportes, poderosamente escoltados por belonaves ligeiras e equipadas com o que havia de mais atual em matéria de técnica e potência de fogo. A Cidade, por força de sua posição estratégica, havia se transformado na maior Praça de Guerra do Continente. Os efetivos militares de todas as armas aquartelados em Natal por essa ocasião, representavam a melhor concentração de tropas em estado de alerta em todo o País. Era rara a família que não possuía um ou mais membros nas Forças Armadas. Havia um toque de alerta em cada semblante e um quê de marcial por todo o cenário. Tudo respirava heroísmo e lembrava ainda que, de maneira vaga, as grandes epopéias do passado.

À tardinha, ao pôr do sol, acompanhava com meu olhar infantil, o vôo solitário ou em pequenos bandos, das aves de rapina, que cruzavam o céu do ocidente para o oriente, em demanda das colinas distantes, onde pernoitariam em segurança.

Por tudo isso, e muito mais ainda, amo profundamente a minha Terra. Até hoje, já velho e lesado pelo tempo e as duras lutas pela sobrevivência, ainda me empolgo ao som da conhecida e imortal marcha militar – Saudades de minha Terra – a mesma que, segundo alguns, puxou o desfile do 34 Batalhão de Infantaria, com destino a Canudos, onde seus combatentes se portariam como autênticos descendentes do bravo Cabo de Guerra Poti, de tão grata memória.

Hoje, tudo mudou; a marcha implacável do progresso devastou as nossas selvas, exterminou os animais selvagens, entre eles, o valente jaguar e o decidido falção. O ar, a princípio, o mais puro e saudável de todo o País, agora, se mostra pesado, denso e saturado de matérias poluentes. O clima é áspero e hostil.

As temperaturas, que no passado não ultrapassavam os 28 graus, hoje, atingem os 34 . Todas essas transformações, se devem diretamente aos fatores apontados, que os tornarei a indicar em suas grandes linhas, apenas, para refrescar a memória dos interessados e enfatizar a necessidade das medidas pertinentes:

Arborização adequada das ruas, avenidas e praças. Criação de novos parques e jardins, inclusive, com áreas reservadas ao lazer e prática de esportes. Limpeza e higiene das vias públicas, quase sempre repositórios de lixo e toda sorte de imundícies, agravados com a queima a céu aberto desses desperdícios em estado de putrefação. Nesse ponto, gostaria de chamar à atenção das Autoridades competentes, para esses dois fatores, a meu juízo, da mais alta transcendência – o reflorestamento das faixas litorâneas e ribeirinhas; e o lançamento de detritos às ruas e outros logradouros públicos e o criminoso costume de atear fogo a esses depósitos improvisados de lixo, que transformam o local numa imensa fogueira, saturando o meio ambiente de monóxidos de cabono e outros gases não menos venenosos, tornando o ar irrespirável e quase letal! Isso, além de um dano ecológico de conseqüência imprevisível para nossa gente, ainda poderão advir graves sequelas a longo prazo, que certamente hão de se refletir na formação genética das futuras gerações. E, finalmente, a construção desordenada de prédios elevados que, além de encobrirem a vista dos últimos

cenários naturais da Cidade, padece ainda, de um planejamento técnico e um critério racional.

Já não falemos aqui, (por absoluta falta de espaço), da terrível poluição sonora, ocasionada por dezenas de alto-falantes, montados em carros comerciais, percorrendo as principais ruas do centro da cidade, apregoando suas ofertas do dia, num alarido desesperado, agredindo livre e impunemente, o órgão auditivo dos transeuntes, num pandemônio ensurdecedor que, segundo os estudiosos do assunto, produzirão a médio e longo prazos, uma geração de surdos e deficientes auditivos.

Como se tudo isso não bastasse, temos ainda, a pior de todas as poluições conhecidas – a degradação moral, com a conseqüente degenerescência social e humana. A Cidade está crescendo desordenadamente, e com ela, crescem também, os vícios e a mais abjeta corrupção de costumes. Por incrível que pareça, hoje em dia, um homem sente vergonha de ser honesto, uma mulher casada, de fiel ao marido, e uma moça solteira, de ser donzela! Estas virtudes cardeais, hoje são sinônimos de ingenuidade e cheiram a cousas arcaicas e obsoletas. A corrupção está na crista da onda e faz parte da moda mais atual. O pior, é que essa decadência moral, com a correspondente ausência de valores, atingiu até mesmo os próprios lugares sagrados, como os templos religiosos e outros locais no gênero. Não escapam nem as artes musical e literária. As tradições e folclore, que formam o cerne de uma civilização e a alma de um povo, são considerados como cousas do passado, e como tal, inúteis e de somenos importância. Quando uma sociedade atinge esse ponto, o declínio está próximo e o colapso se torna inevitável. Não me tomem por um profeta qualquer, nem mesmo por um reformador social, como muitos que pululam por aí, o que eu desejaria, é ver nossa gente redimida do cancro da corrupção que corrói a fibra do caráter, e embota a inteligência criadora. Numa palavra é preciso urgentemente virilizar o nosso homem e devolver-lhe a primitiva fibra de herói! Eis aí a questão.

Antes de concluir este singelo esboço, desejaria fazer uma ligeira alusão às tão decantadas belezas naturais de nossas praias. De fato, a orla marítima de nossa Cidade é quase desprovida de acidentes geográficos, ou seja, nela se observa uma ausência bastante notória de cabos, pontas, baías ou enseadas. Com exceção apenas da pequena saliência de Ponta Negra, a linha costeira, com ligeiras variações, segue na direção Sul-Norte até o antigo morro do Pinto, onde faz uma pronunciada curva no sentido Noroeste, daí seguindo sem maiores alterações até o Forte dos Reis Magnos, pelo que, as praias são largas, ventiladas e profusamente iluminadas. Os mares são abertos, de águas claras e em constante movimento, chegando em alguns trechos e em certos períodos do ano, a sofrerem ressacas violentas, com vagas bem acima do nível médio. As marés, principalmente em janeiro, chegam a atingir alturas incomuns, encobrindo grande parte da faixa litorânea reservada aos banhistas. Temos nas alvas dunas que, em sua maior parte, serpenteiam a zona leste, a melhor atração turística, ao mesmo tempo que formam uma barreira natural ao avanço do mar. Umas são totalmente arenosas, outras, cobertas por uma vegetação quase sempre rasteira, mas que, em certos pontos, podem se condensar em pequenas matas de ca-

FARN

jueiros bravos e outras árvores nativas produtoras de frutos silvestres, que se fossem convenientemente aproveitados pela indústria, poderiam se transformar numa excelente fonte de rendas para a região, e quem sabe? até mesmo uma nova chance de divisas para o País. Com exclusão apenas da Praia do Forte e parte da Redinha, que recebem as águas turvas e poluídas do Rio Potengi que ali desembocam, as demais Praias são relativamente puras e saudáveis, perfeitamente recomendáveis ao banho de mar e à prática de diferentes modalidades de esportes aquáticos. Tomemos por exemplo, a Praia de Ponta Negra, uma das mais afastadas, talvez, por isso mesmo, uma das mais pitorescas e que melhor conservou suas primitivas características naturais. Hoje, já se encontra densamente povoada, e até mesmo, com alguma vida própria, mas que, nem por isso perdeu de todo sua feição original. Há cincoenta anos passados, aquilo era um recanto edênico de nossa costa. Numa excursão que fiz ali em 1938, em companhia de alguns amigos, tive a oportunidade de vislumbrar a natureza na plenitude de sua expansão e opulência, num verdadeiro delírio de cores e perfumes, o que me levou a escalar no vigor de meus 16 anos de idade, o íngrime Morro do Careca, em cujo topo, pude descortinar uma panorâmica global daquele mundo encantado, que fazia lembrar as singelas narrativas dos primeiros cronistas de nossa História. No mar sereno e tranquilo, bordejavam algumas afoitas jangadas com suas brancas velas tangidas pelo vento, lembrando fugidias gaivotas a plainarem à flor das águas à procura de um que outro peixinho doirado que por ventura, por ali perpassasse.

No Céu azul, um pequeno aeroplano militar, de fuzelagem prateada e pontas das asas vermelhas, descrevia longas evoluções no seu serviço de patrulhamento da costa, naquele período de pré-guerra. Um pouco mais abaixo, à meia altura, alguns gaviões-marinhos, depois de plainarem em círculos cada vez mais estreitos, de súbito, se lançavam de ponta até as águas onduladas daquele mar de safira, para logo retornarem à tona, trazendo no aguçado bico, um peixinho qualquer e, ganhando novamente altura, perdiam-se nas profundidades daquele Céu estonteante de luz.

Na areia branca da praia, ao longo da faixa costeira, até onde alcançava a visão, se podia observar algumas manchas escuras que, vistas de perto, eram formadas de pequenos seixos redondos ou ovais, de coloração creme-escura, com listras marrons, de mistura com um sem número de conchinhas de um branco leitoso, passando na parte cônica, ao azul-claro, ou mesmo ao violeta. Hoje, nada mais existe, tudo sumiu como por encanto. Da mata luxuriante e viçosa, só resta a doce recordação. Quanto aos gaviões-marinhos, creio que emigraram para outras praias, à procura de mais sossego e melhor pousada.

E as conchinhas coloridas, que foi feito delas?

Só Netuno, o Deus das águas, em seu Trono de Espumas, poderá dizê-lo. De minha parte, cuido que talvez, tenham sido aproveitadas por alguma indústria interessada na confecção de souvenis ou, quem sabe, levadas como recordação por sucessivas gerações de turistas que por ali passaram. O que se sabe, é que sumiram e ficaram sumidas, e aí termina a polêmica.

Para nossa sorte, a Natureza é sempre mais persistente do que o homem; en-

quanto aquela cria, este depreda, mas, o homem passa e a Natureza fica. Dia virá, em que o homem, à força de muita experiência e sofrimento, há de entender, no seu próprio interesse, que destruindo a Natureza, é destruir-se a si mesmo, uma vez que, ele é parte integrante e inseparável da Grande Criação.

Dos seres gerados pela Natureza, o homem é sem qualquer contestação, um dos mais fracos e dependentes, daí, se poder deduzir, que não conseguirá resistir por muito tempo, a poluição por ele mesmo criada. Enquanto o homem não entender que há de viver em paz e harmonia com todos os seres da Criação e colaborar com o Grande Plano do Criador, (que é a evolução e o progresso de todas as cousas vivas, cada qual, a seu modo e no tempo próprio), até o Escopo Final, que constitui a Perfeição, e conseqüentemente, a Felicidade Universal, em vão continuará lutando e padecendo pelo seu interesse pessoal. Toda vida é una e solidária em seus diferentes escalões, daí, se depreende que, o mais leve dano inflingido a qualquer de seus componentes, seja vegetal ou animal, repercutirá inevitavelmente por toda Grande Cadeia da Criação, da mesma maneira que, um ferimento em qualquer de nossos membros é sentido igualmente por todo o corpo. O Criador, não faz distinção alguma entre suas criações; aos seus olhos, tanto é condenável tirar a vida a um ser humano, como depredar uma árvore, ou sacrificar um animal. Todos os seres remontam à mesma causa, percorrem as mesmas vias evolutivas, e se destinam ao mesmo fim, nunca é demais repetí-lo. Todas as criaturas têm direito à vida e à felicidade, pelo que, o homem, como ser racional, tem o indeclinável dever de reconhecer esta Verdade Eterna e, conseqüentemente, não só respeitar a integridade física de seus irmãos ditos inferiores, (as plantas e os animais), como ainda, e principalmente, protegê-los e ajudá-los em seu desenvolvimento natural.

Natal, erguida a cavaleiro do mar, é como uma sentinela avançada de nossa costa, sempre pronta a afrontar os perigos e ameaças que por ventura possam advir em futuro próximo ou remoto.

Deus te dê muita Ventura, Cidade-Presépio, berço do sonho e Terra da Luz. Que o Cruzeiro do Sul, testemunha muda de tua História, resplandeça para sempre em teu Firmamento Estrelado!

Natal, 3 de maio de 1985

F000201

ASSESSORIA EDITORIAL DO NORDESTE
AE